



Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama
do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA
Nº 01 – Ano I – Agosto/2010 – www.revistapindorama.ifba.edu.br

Joga pedra na Doninha: o foco narrativo conservador de *Os Cabras do Coronel*

André Luís Machado Galvão

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB
almgalvao@uol.com.br

RESUMO:

Este trabalho analisa a maneira conservadora como a personagem de Doninha Calango, prostituta, é tratada pelo narrador na obra *Os Cabras do Coronel* (1964) de Wilson Lins. Apesar de tão comum em todo o sertão, servindo a jagunços e coronéis, a prostituta é vítima do preconceito e da rejeição, tratada como escória numa obra de ficção inserida no contexto do coronelismo.

Palavras-chave: Coronelismo. Narrador. Prostituta. Personagem.

A truculência e a violência do cotidiano do coronelismo pressupõem um universo tipicamente masculino, em que as demonstrações de coragem e força determinam a sobrevivência dos jagunços a serviço dos coronéis. Num contexto como esse, a imagem feminina que se pode imaginar é a da mãe de família, frágil, porém trabalhadeira, cuidando da casa e dos filhos enquanto os maridos pegam em armas para defender os interesses de seus chefes. Outro perfil feminino, no entanto, se cristaliza nesse mesmo contexto: o da “mulher-dama”, daquela que vive à custa do prazer que proporciona para homens tensos, violentos, entorpecidos pelos sobressaltos de uma guerra sem fim.

Esse segundo perfil de mulher, apesar de tão comum nos lugarejos de todo o sertão, servindo a jagunços e coronéis, trazendo-lhe momentos de abstração e prazer incomuns num cenário de constantes conflitos, não recebe da sociedade como um todo (nem mesmo daqueles que se extasiam com seus “serviços”) um olhar de piedade, ou pelo menos, de aceitação. Muito pelo contrário, são essas

mulheres vítimas do preconceito e da rejeição, tratadas como escória, até mesmo nas obras de ficção, como será estudado neste trabalho.

O livro *Os Cabras do Coronel*, do político e jornalista baiano Wilson Lins, foi publicado em 1964, configurando-se como o primeiro de uma trilogia sobre o coronelismo, que se completa com *O Reduto*, publicado em 1965 e *Remanso da Valentia*, de 1967. Apesar de ter como foco central da narrativa as aventuras do Coronel de Pilão Arcado e a traição de Domingos Amarra Couro, a trama da obra inicial da trilogia apresenta uma personagem que será evidenciada em todos os três livros: Doninha Calango, a mulher por quem Domingos, cabra forte e corajoso, resolveu largar a vida de jagunço e trair a confiança do Coronel.

A obra em estudo é narrada em terceira pessoa, por um narrador que não se inclui na história, mas que ao longo dela revela sua onisciência ao enveredar pelos pensamentos e reflexões dos personagens. Destaque para a maneira como são descritos os grandes feitos do Coronel de Pilão Arcado, um dado que acentua a aproximação entre narrador e autor, sendo este filho do grande coronel do norte do estado da Bahia, Franklin Lins de Albuquerque. Nesse sentido, afirma Jorge Araújo:

Em Wilson Lins é muito forte o componente memorialístico e as impressões do narrador quase se confundem com a biografia autoral. O narrador ouve a balbuciosa cidade aberta/fechada em arcos, num esforço épico de reconstituição ancestral, o real frente ao simbólico, a temporalidade atemporal. (ARAÚJO, 2008, p. 128)

Em termos gerais, a concepção de narrador se limita à idéia de que seja aquele que conta uma história. Muitas vezes as manipulações e indicações feitas por quem narra uma história não são percebidas diretamente pelos que a lêem, dando a equivocada idéia de que o narrador não manipula aquilo que conta, como se estivesse rigorosamente limitado a uma função da qual não poderia se distanciar. Porém, para Oscar Tacca,

Aquele que conta (aquele que traz *informação* sobre a história que se narra) é sempre o *narrador*. A sua função é informar. Não lhe é permitida a falsidade, nem a dúvida, nem a interrogação nesta informação. Apenas varia (apenas lhe é concedida) a *quantidade* de informação. Qualquer pergunta, ainda que surja indistinta no fio do relato, não corresponde, em rigor, ao narrador. Bem vistas as coisas, pode sempre atribuir-se ao *autor*, ao *personagem* ou ao *leitor*. (TACCA, 1983, p.64)

Essa visão de narrador que no seu ofício se limita rigorosamente a informar parece sofrer um contraponto no pensamento de Maria Lúcia Dal Farra, ao afirmar que, como representante e porta-voz do autor, “[...] o narrador se torna, então mais

que a personagem fictícia assentada como tal: ele se transforma no verbo criador da linguagem, no espírito onisciente e onipresente que cria e governa o mundo romanesco”. Se o narrador “cria e governa o mundo romanesco” (DAL FARRA, 1978, p. 19), portanto, não estará limitado apenas a informar, sem fazer uso aleatório da linguagem e dos elementos de que dispõe para contar a história.

Sendo assim, Dal Farra complementa:

Se o romance deve dar a impressão de que a vida está sendo representada em toda a sua totalidade intensiva, a ação deve estar localizada no passado e o narrador – enquanto controlador da estória – não pode estar confinado ao lugar do seu discurso. Ele manterá os olhos abertos para os dois lados do tempo, adquirindo a flexibilidade necessária para se mover num circuito de ida e volta entre os três elementos temporais: passado-presente-futuro. Ganhando mobilidade retro e antecipativa, o narrador promove a seleção dos elementos essenciais e pode, graças ao seu afastamento, desenhar a teia das unidades de tensão. [...] Do alto grau da sua clarividência e da elasticidade na sua desenvoltura nasce a onisciência do narrador. (DAL FARRA, 1978, p. 22)

Assim, com base no exposto, está-se, na obra em tela, diante de um narrador seletivo, pois escolhe o que pretende narrar e como narrar, dando mais ou menos ênfase ao que julga necessário. Sua elasticidade ao dispor o jogo da narrativa define sua onisciência, e as suas estratégias na composição e descrição dos personagens. Neste particular, cumpre analisar o foco narrativo de *Os Cabras do Coronel* no que se refere à personagem Doninha Calango, partindo do pressuposto de que, neste ponto, evidencia-se um posicionamento conservador em relação à personagem, sob vários aspectos, que serão discutidos a partir de agora.

O narrador apresenta Doninha Calango no início da narrativa atribuindo-lhe a caracterização de “mulher de todo-mundo” (LINS, 1964, p. 12), configurando o triângulo amoroso composto entre ela, João de Longe e Domingos Amarra Couro. Nesse momento da história, João está à caça de Domingos, que desertara do “exército” do Coronel de Pilão Arcado com o intuito de abandonar a vida de jagunço para viver em paz com sua Doninha. Ocorre que ela havia sido tomada dos braços de João por Domingos, o que causara uma rixa desde então:

Na ocasião em que Doninha lhe fora arrebatada pelas lábias de Domingos, João de Longe nada fez, por nada poder fazer, uma vez que o rival estava no auge da fama como cabo-de-turma, e no apogeu do prestígio, junto ao coronel, que, como era notório, não admitia brigas nem desavenças entre os seus homens. Ruminando sua dor, João de Longe perdeu a mulher, mas não perdeu a esperança de um dia se vingar do sedutor. (LINS, 1964, p. 12)

Já na primeira vez que é citada na história, Doninha aparece como alguém que fica à mercê dos homens que lutam por ela, dando a impressão de ser facilmente seduzida por qualquer um deles. Além disso, nessa passagem, outro dado imerge das entrelinhas: a mudança de amante parece ter uma conotação de interesse social: ela trocara um jagunço de menor prestígio por outro de grande estima pelo coronel, o chefe político da região. Pode transparecer, nessa situação, que o triângulo amoroso tem seus vértices mudados não exclusivamente pelo sentimento ou pela atração física. Trata-se, portanto, de uma mulher que se junta aos seus homens por interesse, por posição social. Outro aspecto que merece destaque, no que se refere à conduta do narrador em relação a Doninha Calango, é que só na página 12 da obra, ela recebe deste as denominações de “mulher de todo-mundo”, já citada, “mulher-dama”, “mulher-da-rua” e “sem-vergonha”. Não parece ser por acaso.

Desde o início da trama, o narrador não economiza nas definições insultantes em relação a Doninha, fazendo “amásia” (LINS, 1964, p. 13) e “rapariga” (LINS, 1964, p. 15) soarem até como elogiosos. A “trégua” com a personagem se mostra apenas ao descrevê-la fisicamente: “Doninha era dona de uma cintura fina e de umas ancas largas, e tinha a pele macia como a da quixaba madura, macia e de um moreno arroxeadado como o da fogo-pagô.” (LINS, 1964, p. 17). Toda essa beleza, entretanto, parecia ser uma maldição, um chamativo para os homens rudes que dela se apropriavam.

O plano de Domingos Amarra Couro era fugir para o Piauí, onde serviria a um coronel inimigo e de lá, depois de ter cumprido suas obrigações, iria para o sul do país viver com Doninha longe daquela vida cheia de sobressaltos. A traição ao coronel que o acolhera lhe doía, mas o amor por Doninha falava mais alto:

Era mesmo com mágua (sic) e saudade que se via forçado, para realizar a vida com que sempre sonhara, a dar aquele passo, a praticar aquela ação contra o coronel. Mas era que, muito maior que tudo, maior até que a própria honra, estrugia dentro dele a vontade de viver só para Doninha, e com Doninha, num lugar sossegado, sem chefes e sem cangaceiros, sem guerras, sem riscos, sem mortes. (LINS, 1964, p. 16)

A relação entre Domingos Amarra Couro e o Coronel de Pilão Arcado, apesar de se mostrar no romance regida por admiração recíproca, em que o jagunço serve ao seu chefe por honra ou pelo simples prazer de servir, aproxima-se da teoria da mediação do favor, explicada por Roberto Schwarz:

O favor é, portanto, o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm. Note-se ainda que entre estas duas classes é que irá acontecer a vida ideológica, regida, em conseqüência, por este mesmo mecanismo. Assim, com mil formas e nomes, o favor atravessou e afetou no conjunto a existência nacional, ressalvada sempre a relação produtiva de base, esta assegurada pela força. [...]

E assim como o profissional dependia do favor para o exercício de sua profissão, o pequeno proprietário depende dele para a segurança de sua propriedade, e o funcionário para o seu posto. *O favor é a nossa mediação quase universal* – e sendo mais simpático do que o nexu escravista, a outra relação que a colônia nos legara, é compreensível que os escritores tenham baseado nele a sua interpretação do Brasil, involuntariamente disfarçando a violência, que sempre reinou na esfera da produção. (SCHWARZ, 1992, p. 17)

De fato, a mediação do favor se enquadra na perspectiva do coronelismo, na relação entre o grande latifundiário e seus serviçais, num disfarce para a violência e até para uma espécie de escravismo. José de Souza Martins analisa a mediação do favor numa conjuntura mais atual:

[...] os mecanismos tradicionais do favor sempre foram considerados legítimos na sociedade brasileira. Não só o favor dos ricos aos pobres, o que em princípio já era compreendido pela igreja católica. Mas o favor como obrigação moral entre pessoas que não mantêm entre si vínculos contratuais ou, se os mantêm, são eles subsumidos pelos deveres envolvidos em relacionamentos que se baseiam antes de tudo na reciprocidade. (MARTINS, 1994, p. 35)

E diante de tal quadro, eis que Domingos Amarra Couro encarna o típico herói moderno, pois ao fraquejar, quebra seu pacto com o Coronel, num momento em que a mediação do amor supera a conjuntural mediação do favor. O cabo-de-turma, jagunço experiente e de confiança do chefe sucumbe ao amor: “A rapariga que tomara de João de Longe fizera-o conhecer o amor, ele que jamais soubera que gosto tinha gostar de alguém” (LINS, 1964, p. 15). Foi ao lado de uma “rapariga” que Domingos se entregara a sentimento tão nobre, e por ele estava disposto a enveredar por um caminho incerto e arriscado, podendo perder até mesmo aquela por quem agora se aventurava tanto. Lado a lado, o narrador coloca o herói e a rapariga, e por essa mulher o jagunço colocava em jogo sua honra e sua própria vida. No prosseguir da história, o seu condutor vai mostrar que Doninha Calango não era digna de tamanho sacrifício.

Domingos comunicou a Doninha o seu plano, devendo ela, em segredo, partir algumas semanas depois para Pirapora, onde se encontrariam para seguir juntos

para São Paulo. Diante da notícia, ela entrou em desespero, e antigos temores e lembranças vieram a sua mente:

Abraçada ao seu homem, ela temia perdê-lo, sabendo que se o perdesse estaria, por sua vez, perdida, pois voltaria à vida que sabia infame, mas que exercia um fascínio demoníaco sobre o seu espírito de mulher condenada a viver de mão em mão, sem dono certo, sem nenhum dono, como sua mãe, que já tivera vários homens e, mesmo na velhice, continuava a mudar de machos; como as irmãs, que tiveram o mesmo destino da mãe, e estavam todas no meretrício, apanhando dos cabras e dos remeiros. Abraçada ao seu homem que partia, ela temia voltar à vida de mulher de todos e de ninguém, recordando-se que se prostituía, menina ainda, na esteira da própria mãe, seduzida pelo homem que estava amigado com a infeliz que a trouxera ao mundo; durante algum tempo, filha e mãe viveram sob o mesmo teto com o mesmo homem[...]. (LINS, 1964, p. 19)

Finalmente, revela-se a personagem Doninha Calango. O narrador usa sua onisciência pra traçar um perfil degradante da mulher pela qual Domingos se apaixonara. Doninha era prostituta, “condenada a viver de mão em mão”, como já acontecera na transição de João de Longe para o cabo-de-turma. E o pior: essa vida pregressa exercia sobre ela um “fascínio demoníaco”, e disso deduz-se que a ausência de seu homem a jogaria novamente no meretrício. Sua condição de mulher da vida é associada a um determinismo cruel, como coisa “de sangue”, uma vez que mãe e irmãs também desempenham tal ofício; é associada ainda a um estigma traumático: sua iniciação se deu em seu próprio lar, com o seu padrasto, sob o mesmo teto que a mãe, que por sua vez, é uma “infeliz” que a pôs no mundo.

Diante de tamanha demonstração de volubilidade no que se refere à relação da personagem com os homens, é apresentada a seguir, na trama, uma fala sua, de tamanho teor contraditório, senão irônico: “- Eu agora quero só você, Dominguin. Não sei viver com outro homem” (LINS, 1964, p. 19). Depois de demonstrar a descaracterização da personagem, acentuando seu caráter volúvel e fraco, motivada em parte por um determinismo cruel, o narrador abre espaço para uma fala que destoa absolutamente de tudo o que foi descrito anteriormente. No mínimo, depois de tudo o que foi apresentado, extirpa-se totalmente a possibilidade de essa fala, de essa afirmação da personagem ser verdadeira. Doninha Calango, pelo seu histórico, sabe sim viver com outro homem, até mesmo pelo fascínio demoníaco que o meretrício exerce sobre ela, ou pelo que é definido como sua “falta de vontade”:

Quando um homem a tomava sob seu poder, sentia-se protegida e segura, e se entregava toda a ele, feliz, tranquila, sem preocupações, e lhe era fiel de corpo e alma. Mas, se o perdia por um instante que fosse, voltava a ser

um bagaço de gente, uma mulher sem vontade, de quem qualquer homem poderia lançar mão, servindo-se dela como bem entendesse. (LINS, 1964, p. 20-21)

Não só Doninha sabe viver com outro homem como irá viver com outro homem. Essa afirmação se baseia nessa fidelidade temporária e esdrúxula, pois como ser “fiel de corpo e alma” a alguém e ao perdê-lo por um instante já estar nos braços de outro? Mais uma vez, o narrador lança mão da onisciência para vilipendiar a personagem, expondo suas características menos louváveis com doses marcantes de ironia.

Porém, o “massacre” imposto pelo narrador não acaba aí. Ao contar a história de vida de Doninha, novamente sua personalidade e sua índole são colocadas em xeque, desenvolvendo uma idéia de que a condição de Doninha de mulher da vida é irreversível, tendo em vista as situações de vida pelas quais passou, a miséria a que sempre esteve submetida e a uma “fraqueza de espírito” ou “falta de vontade” que a empurram para a vida de mão em mão. O seu primeiro homem foi o seu padrasto:

Farrapo de gente, não tinha vontade diante de nenhum homem. Fora assim com “seu” Norberto, o amásio de sua mãe, que, no dia que quis, só fez chamá-la para a esteira, e ela, obediente, dócil, foi-se deitar com ele, enquanto a mãe lavava roupa no rio. Durante um ano foi rapariga daquele velho sujo e sem dentes, sem que a mãe desconfiasse de nada. (LINS, 1964, p. 21)

A sua primeira experiência com um homem se deu com alguém pelo qual não tinha qualquer tipo de desejo, porém não foi capaz de impor a sua vontade, e se manteve com ele por um ano. Bastou que ele a chamasse e, mesmo não querendo e tendo consciência do ato condenável de se relacionar sexualmente com o homem da própria mãe, nada fez para resistir. Para se livrar de tal situação, foi necessário que se envolvesse com outro homem, o soldado Maurício, que por ela se encantou e queria se casar. Quando soube do que se passava com o padrasto de Doninha, tirou-a de casa, momento no qual sua mãe ficou sabendo do acontecido, mas nada podia fazer.

Maurício a levou para morar na casa de Lió Preta, “uma velha prostituta que vendia cachaça e alugava quartos às que ainda ‘faziam a vida’” (LINS, 1964, p. 22). Maurício pretendia morar lá com Doninha até que montasse uma casa para eles. Porém, isso não aconteceu. Mais uma vez, a “falta de vontade” da personagem foi determinante para mudar o rumo da situação:

Depois de dois ou três meses de vida feliz, na companhia de Maurício, na casa de Lió Preta, por culpa de uma diligência que o soldado teve de fazer na caatinga, ela ficou uma semana sem homem, sem proteção, entregue à sua fraqueza, á sua falta de força de vontade. Lá uma noite, o soldado Elesbão, não tendo encontrado mulher desocupada na casa da velha piobochila, entrou, fingindo-se desavizado (sic), no quarto de Doninha. Ela, a princípio, resistiu, dizendo que era de outro homem, de outro soldado, e que não podia fazer aquilo com ele. Elesbão, porém, teve argumentos fortes, e mais que argumentos, braços fortíssimos, que não precisaram fazer muita força para levar Doninha para a cama. Quando Maurício voltou, não a encontrou na casa de Lió: estava morando na casa de Januária, por conta de Elesbão. (LINS, 1964, p. 22)

Mesmo diante de tudo o que o soldado Maurício fez por Doninha, sua afeição por ele não resistiu diante da sua ausência por alguns dias. A “fraqueza” e a “falta de força de vontade” foram as responsáveis por Doninha deixar Maurício e se amasiar com Elesbão. E mais uma vez, o narrador, em sua onisciência, brinca com as contradições, sempre sugerindo uma diminuição do caráter da meretriz: apesar de os braços fortíssimos de Elesbão serem citados, o que poderia sugerir o envolvimento dela com ele à força, imediatamente vem a ressalva de que esses braços nem precisaram fazer muita força para levá-la para a cama. A “lealdade de corpo e alma” não resistira, e assim continuaria sendo, pelo fio de um narrador empenhado em difamar sua personagem.

Dois dias depois da volta de Maurício, diante do acontecido, matou Elesbão a facadas e foi mandado a prisão em Salvador. Sozinha, Doninha agora fazia vida na casa de Januária, e se constituiu como a grande atração da cidade, até que Luís Carteiro a tirou do prostíbulo e montou casa para ela: “era doido por ela, tratando-a com seda e veludo, numa casa bem arrumada, na Rua de Cima” (LINS, 1964, p. 23). Apesar do bom tratamento, Doninha não ficou muito tempo com Luís, que precisou passar um mês em Xique-Xique a serviço, sendo esse tempo suficiente para que Doninha fosse levada por João de Longe, jagunço do Coronel, com quem Luís Carteiro achou por bem não discutir, e pediu transferência de cidade. Após quatro anos com João, Domingos Amarra Couro a encontrou e a levou consigo.

No desenrolar da história, Doninha se vê sozinha e escolhe o caminho da prostituição. Quando novamente é “resgatada” por alguém que lhe dá de tudo, basta que fique sozinha para que seja levada por outro homem, seguindo sua triste sina, até chegar a Domingos. E não há como garantir que dessa vez será diferente, diante da ausência do cabra desertor. A forma como o narrador aponta os defeitos da personagem não deixa espaço para que nela se veja um pouco de humanidade, ou

para que se encontre em seu sofrimento e miséria alguns dos fatores determinantes para seu comportamento.

Essa visão inflexível e descaracterizadora da prostituta, provavelmente vinculada a preceitos morais arraigados, se opõe a abordagem da prostituição na obra de Jorge Amado. Segundo Jorge Araújo,

A obra de Jorge Amado vê a prostituta, primeiramente, como pessoa. Uma pessoa intimamente vulnerável, mas forte, determinada, guerreira. Claro que seria cabotismo fazer da prostituição um símbolo prosélito do espírito da solidariedade universal. Perceba-se na obra amadiana, entretanto, uma identidade ideológica presumivelmente redentora. É como se a obra quisesse compensar, na figura alegre e sobranceira da prostituta, a violência praticada pelo sistema social e econômico contra os despossuídos. (ARAÚJO, 2003, p. 117)

Portanto, não há paralelo nas abordagens da prostituta entre as obras de Jorge Amado e a obra *Os Cabras do Coronel*. Nem mesmo o sentido redentor, apenas se mostra na obra de Wilson Lins a vulnerabilidade da meretriz, ainda assim associada a um comportamento condenável de traição e volubidade. No entanto, há um aspecto que se deixa entrever na narrativa, o qual mostra um aspecto contraditório, mas dessa vez favorável à “mulher da vida”: apesar de todas essas traições, de toda essa “falta de vontade”, todos os homens não se contentam com apenas uma noite com Doninha Calango. Apesar de ser prostituta, seus “machos” vão sempre em busca de uma promessa de estabilidade que contraditoriamente teria a oferecer, por isso querem possuí-la, tê-la ao seu lado por mais que um encontro.

O narrador se incumbe de organizar sua narrativa de forma a apresentar Doninha Calango como uma personagem acima de tudo baseada em aspectos contraditórios. Sua conduta ao longo da trama mostra que preencher sua necessidade de estar ao lado de alguém não garante estabilidade no relacionamento. A qualquer momento tudo pode mudar, e talvez isso atraia ainda mais os homens à sua volta. No entanto, todo o fio condutor da história, no que se refere a ela, traz referências negativas que se multiplicam, a comprovar sua insignificância ou sua importância, a depender da maneira como são interpretadas essas referências. O fato é que não há meio termo, o narrador manipula os fatos contra a personagem, e suas atitudes só comprovam os defeitos que lhe são atribuídos. Esse tipo de foco narrativo se aproxima de uma das hipóteses de narrador pós-moderno defendidas por Silvano Santiago:

[...] o narrador pós-moderno é o que transmite uma “sabedoria” que é decorrência da observação de uma vivência alheia a ele, visto que a ação que narra não foi tecida na substância viva da sua existência. Nesse sentido, ele é o puro ficcionista, pois tem de dar “autenticidade” a uma ação que, por não ter o respaldo da vivência, estaria desprovida de autenticidade. Esta advém da verossimilhança que é produto da lógica interna do relato. O narrador pós-moderno sabe que o “real” e o “autêntico” são construções da linguagem. (SANTIAGO, 1989, p. 40):

Esse narrador que utiliza a verossimilhança como recurso de construção do seu imaginário, amparando-se em valores sociais e ideologias que defende, termina por construir um texto ficcional em que a personagem, por ser prostituta, por não se enquadrar à moral dominante, principalmente aos preceitos morais mais conservadores, é destituída de humanidade ou possibilidade de recuperação social. O conservadorismo do narrador atira Doninha Calango na escuridão da imutabilidade, condena-a a ser sempre escória, a meretriz que nunca se afastará do seu passado. Estará sempre de “mão em mão”, ao sabor das ausências de seus homens e da insistência de outros, à mercê de sua “falta de vontade”. Essa irreversibilidade de papéis dos personagens na obra de Wilson Lins é analisada por Jorge Araújo:

Elementos estigmatizados na tribo (Domingos Amarra Couro, Zé Leopoldino, Doninha Calango) não subsistem na pressão da trama e sucumbem à irradiação de seu destino trágico, com destaque para a mulher fatal Doninha Calango e a Pedro Velho, espécie de vidente especialmente associado à Morte, de quem se declara afilhado. A trama prevê a irreversibilidade de fatos e papéis envolvendo os atores sociais que a dinamizam, o mito servindo como atenuante de conflitos e sua acomodação na sociedade agro-pastoril minada pela guerra de poderes políticos num sistema social dominado pelo chefe feudal e sua coorte de guerreiros jagunços, feitos à imagem de um atavismo determinista e paralisador, onde o fluxo da consciência se inviabiliza pela inalterabilidade. (ARAÚJO, 2008, p. 128-129):

E Doninha Calango não mudou. Domingos Amarra Couro não voltou a vê-la, pois foi morto, depois de ter tomado de assalto a igreja de Pilão Arcado, pelos próprios membros do grupo de jagunços que formara na sua mal-sucedida odisséia pelo sertão. Retornara para se vingar, pois soubera que sua amada estava nos braços de outro: Pedro Gamela, o primeiro homem a oferecer ajuda à pobre mulher abandonada pelo jagunço desertor. Enfim, o narrador, até o fim da obra, continua a condenar a personagem à instabilidade, à incerteza, além de condenar ao sofrimento e à frustração aqueles que com ela se envolvem. Seu viés conservador é, portanto, determinante na maneira como conduz a história de Doninha Calango.

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, Jorge. **Dioniso & Cia na moqueca do dendê**: desejo, revolução e prazer na obra de Jorge Amado. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2003.

ARAÚJO, Jorge. **Floração de imaginários**: O romance baiano no século 20. Itabuna / Ilhéus: Via Litterarum, 2008.

DAL FARRA, Maria Lúcia. **O narrador ensimesmado**. São Paulo: Ática, 1978. (Série Ensaios; v. 47)

LINS, Wilson. **Os Cabras do Coronel**. Rio de Janeiro: GRD, 1964.

MARTINS, José de Souza. O poder do atraso. In: **Ensaios de sociologia da justiça lenta**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTIAGO, Silvano. **Nas malhas da letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SCHWARZ, Roberto. As idéias fora do lugar. In: **Ao vencedor as batatas**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1992.

TACCA, Oscar. **As vozes do romance**. Coimbra: Almedina, 1983.

Publicado, em 22 de agosto de 2010, na www.revistapindorama.ifba.edu.br